

TÉCNICA COM GUIA VIDENTE: SUPORTE AVALIATIVO DE DESEMPENHO

SIGHTED GUIDE TECHNIQUE: EVALUATION SUPPORT OF PERFORMANCE

Loiane Maria Zengo

Manoel Osmar Seabra Junior

Jaqueline Moreira de Costa Castilho

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Unesp, Campus de Presidente Prudente

RESUMO: A partir da aprendizagem das técnicas de Orientação e Mobilidade (OM) que pessoas com deficiência visual poderão conhecer-se, relacionar-se e deslocar-se de forma independente nos mais diversos ambientes e situações. A luz da aprendizagem das técnicas de OM como caminho prático e eficiente para a conquista da independência, este estudo objetivou avaliar o desempenho de uma pessoa cega com domínio das técnicas de Orientação e Mobilidade, ao ser submetida a um treinamento específico das técnicas com guia vidente. Optou-se por utilizar como metodologia o delineamento de sujeito único com critério móvel. Foram delineadas duas etapas que ocorreram concomitantemente: 1) aplicação das tarefas propostas pelo Checklist adaptado e, 2) avaliação do desempenho da participante durante a realização destas. Pode-se observar a necessidade de uma estimulação perceptomotora com o deficiente visual, a fim de que ele aprimore tanto os aspectos motores quanto os perceptivos, para que a realização das técnicas de Orientação e Mobilidade seja mais eficiente.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência Visual. Orientação e Mobilidade. Treinamento Perceptomotor.

ABSTRACT: Is Upon learning of Orientation and Mobility techniques (OM) that visually impaired people can meet up, relate and move independently in many different environments and situations. The light of learning the techniques of OM as practical and efficient for the achievement of independence, the way this study aimed to evaluate the performance of a blind with the field of technical Orientation and Mobility person to undergo a specific training techniques with psychic guide. We chose to use as the methodology of single subject design with moving criterion. Two steps that occurred simultaneously were outlined: 1) implementation of performance assessment tasks proposed by the participant Checklist adapted, and 2) when performing these. It can be observed perceptomotora the need for stimulation with the visually impaired, in order to enhance it both motor and perceptual aspects, to the achievement of the technical orientation and mobility more efficient.

KEYWORDS: Visual Impairment. Orientation and Mobility. Perceptomotor training;

INTRODUÇÃO

A visão representa um papel predominante no contato, interação, entendimento e significação do meio em que vivemos. Por sua vez, quando ocorre a ausência ou redução deste sentido, algumas dificuldades e impedimentos são acarretados, tais como a perda da consciência corporal, da dinamicidade do movimento, da organização espacial e do controle de si mesmo (Maciel, 2003). Não obstante, a Deficiência Visual (DV), geralmente a cegueira, ocasiona outras perdas, como a impossibilidade de locomoção independente, impedindo o desenvolvimento natural de atividades da vida diária (AVD), profissionais (AVP) e escolares (Scherer; Rodrigues & Fernandes, 2011). Para autores como Maciel (1988), Bueno (1992) e Felipe (2009) a dificuldade em se locomover independentemente, pode ser caracterizada como uma das maiores perdas ocasionadas pela ausência da visão. Para amenizar esta situação é essencial que a pessoa aprenda a realizar as referidas atividades com independência, se locomovendo com maior eficiência.

O Programa de Orientação e Mobilidade pode ser considerado o mais adequado no atendimento às necessidades das pessoas com DV quando relacionado à aprendizagem de movimentos, de atitudes e de locomoção, por oportunizar o treinamento de técnicas específicas bem como seu domínio em ambientes e situações

diversos, estimulando essas pessoas a tornarem-se independentes nos âmbitos pessoal, social, profissional e escolar (Maciel, 1988; Melo, 1991; Hoffmann, 1998; Garcia, 2001; Lieberman 2004).

Ao entender que a aprendizagem das técnicas de orientação e mobilidade é o caminho mais prático e eficiente para a conquista da independência da pessoa com deficiência visual, a elaboração deste estudo baseou-se no seguinte pressuposto: Será que um sujeito cego, apropriado das técnicas de Orientação e Mobilidade, apresenta um desempenho satisfatório em um treinamento específico de habilidades com o guia vidente?

Nesse sentido, o presente artigo, objetivou avaliar o desempenho de uma pessoa cega, com domínio das técnicas de Orientação e Mobilidade, ao ser submetido a um treinamento específico das técnicas com guia vidente.

METODOLOGIA

TIPOLOGIA DO ESTUDO

Para a análise de causa-efeito do treinamento proposto utilizou-se o Delineamento de Sujeito Único com Critério Móvel. Metodologia que se destaca pela mensuração e avaliação do aumento ou redução dos efeitos de um treinamento no nível de desempenho

do indivíduo, em etapas contínuas, sistematizadas e graduais, por meio da alteração de critérios de reforço (Troutman, 2003).

Neste modelo de estudo, os sujeitos são expostos a comportamentos mensurados repetidamente, de modo que cada tarefa serve de parâmetro para aumentar (ou diminuir) o critério da próxima.

Além disso, esse tipo de delineamento é indicado para ser utilizado em intervenções com pessoas com deficiência peculiares devido ao fato de nem sempre ser possível constituir-se grandes amostras em função dessas especificidades. Nessa metodologia, a comparação do desempenho do sujeito é realizada por meio de seus próprios resultados, em diferentes etapas da intervenção.

PARTICIPANTE E LOCAL DA PESQUISA

O participante selecionado atendeu aos seguintes critérios: ser diagnosticado exclusivamente com cegueira por uma equipe multidisciplinar; ter treinamento de Orientação e Mobilidade (formal e/ou informal) e estar regularmente matriculado no ensino público.

Os procedimentos foram realizados em ambientes públicos de lazer, antes nunca frequentados, no município onde o participante reside.

PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Para que fosse atendido o objetivo da presente pesquisa, buscou-se relacionar as variáveis independentes (tarefas propostas) e as variáveis dependentes (desempenho do sujeito) (Matos, 1990). Portanto, o participante foi submetido a todas as condições do experimento, de modo a ser observado continuamente no decorrer do processo, atuando como o seu próprio controle (Sampaio et al. 2008).

REALIZAÇÃO DAS TAREFAS E AVALIAÇÕES DO SUJEITO

As intervenções ocorreram semanalmente e foram divididas em duas etapas que ocorreram concomitantemente.

1º ETAPA – APLICAÇÃO DE TAREFAS POR MEIO DO CHECKLIST ADAPTADO DE LIEBERMAN (2011)

Foi utilizado o *Checklist* que, originalmente foi aplicado em uma universidade de Brockport, nos Estados Unidos, com o intuito de avaliar as condições de orientação e mobilidade de pessoas cegas, instrumento este que foi cedido e autorizado pela autora, Lauren J. Lieberman para tradução literal, adaptação cultural e utilização nesta pesquisa.

O *Checklist* original apresenta cinco categorias: Percepção Sensorial; Lateralidade e Direcionalidade; Habilidades Básicas com o Guia Vidente; Orientação e Mobilidade, porém, no presente artigo foram elencadas as tarefas da categoria Habilidades Básicas com o Guia por dentro todas, ser a que abrange o método mais eficaz e seguro para a locomoção de pessoas com deficiência visual.

Nesta perspectiva, foram elaboradas estratégias para cada uma das oito tarefas propostas pelo Checklist adaptado de Lieberman (2011), a fim de que os objetivos propostos pudessem ser alcançados.

Em cada intervenção foram aplicadas, de modo sequencial, as tarefas propostas, conforme o Quadro 1.

Categoria: Habilidades com o Guia Vidente	
•	T1 - Manter o braço, a posição do corpo e as mãos de maneira adequada;
•	T2 - Manter posição correta em relação ao guia;
•	T3 - Manter segurança de parar e de andar com o guia;
•	T4 - Alterar superfícies;
•	T5 - Subir e descer calçadas;
•	T6 - Saber as técnicas de passagem;
•	T7 - Saber a técnica de abrir e fechar porta;
•	T8 - Subir e descer escadas.

Quadro 1 – Descrição das tarefas propostas pelo *Checklist* Adaptado de Lieberman (2011), referente à Categoria Habilidades com o Guia Vidente.

Cada intervenção teve a duração de aproximadamente uma hora. A variação de horário para mais ou para menos dependeu exclusivamente do desempenho do participante.

Durante a realização das tarefas propostas no *Checklist*, concomitantemente foi realizada a avaliação do comportamento do participante, que será descrita a seguir.

2º ETAPA – AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DO SUJEITO DURANTE A REALIZAÇÃO DE CADA TAREFA

A avaliação foi procedida por meio da Ficha de Avaliação Perceptomotora (Quadro 2) que foi elaborada pelo grupo de pesquisa em Deficiências Físicas e Sensoriais da Unesp de Marília/SP. Além de avaliar, a Ficha tem a função de pontuar o comportamento do participante quanto a seu entendimento no decorrer da realização das tarefas. Para tanto, ela foi dividida em três classes de comportamento (Quadro 2): Explicação Verbal; Demonstração e Execução, sendo que o escore pode variar entre zero, um e dois.

As classes de comportamento foram avaliadas separadamente, durante a realização de cada tarefa.

Pontuação	Classe de Comportamento (Explicação Verbal)	
2	Compreende a tarefa na primeira explicação	()
1	Necessita de mais de uma explicação	()
0	Não compreende a explicação	()
Pontuação	Classe de Execução (Demonstração)	
2	Não é necessário demonstrar	()
1	É necessário demonstrar	()
0	Não compreende a demonstração	()
Pontuação	Classe de Comportamento Motor (Execução)	
2	Realiza a atividade facilmente	()
1	Possui dificuldades em realizar a atividade	()
0	Não consegue realizar a atividade	()

Quadro 2 – Ficha de Avaliação Perceptomotora, segundo suas respectivas pontuações nas Classes de Comportamento.

Para ser emitida a pontuação 2 o participante deverá sinalizar que compreendeu a tarefa na primeira explicação, ou que não é

necessário demonstrar, ou que conseguiu realizar a tarefa facilmente. Essa é a pontuação máxima que certifica que o sujeito realiza a tarefa com independência.

A pontuação 1, significa que o participante ou necessitou de mais de uma explicação ou é necessário demonstrar ou o participante possuiu dificuldades em realizar a tarefa. É a pontuação média, que credita ao sujeito a necessidade de auxílio para a realização da tarefa.

Já a pontuação 0 (mínima) indicia que o participante não compreendeu a explicação, não compreendeu a demonstração ou não conseguiu realizar a tarefa. Esse score aponta também um repensar sobre as estratégias usadas pela pesquisa quanto ao entendimento e realização pelo participante da tarefa solicitada.

Os resultados finais foram baseados na soma dos resultados obtidos nas três Classes de Comportamentos (conforme quadro 2). Nesse sentido, a pontuação final pode variar de zero (dependência total na explicação, necessidade de mais de uma demonstração e não execução da tarefa) a seis pontos (score que demonstra um maior nível de independência da participante no entendimento, na demonstração e na execução da tarefa).

Para ocorrer a transposição de uma tarefa mais simples para outra mais complexa, o participante deve alcançar a pontuação máxima de seis pontos, consecutivamente, por três vezes. Toda vez que a participante muda de tarefa, ela é avaliada.

Após atingir o critério de mudança, ou seja, alcançar a pontuação máxima, três vezes consecutivas, na tarefa seguinte será acrescido um ponto a mais em relação à pontuação da tarefa anterior, o que demonstra que a tarefa seguinte é mais complexa. Este ponto a mais auxilia na ordem crescente dos resultados no gráfico com forma de melhor visualização.

Portanto, se a primeira tarefa, tem como critério de mudança a pontuação seis, a pontuação estabelecida como o critério de mudança, para segunda tarefa, é sete e para a terceira tarefa a pontuação máxima é oito e assim consecutivamente.

A partir destes valores, foi realizada a composição dos gráficos para a análise e discussão dos resultados.

PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

Foi utilizada a Linha de Base de Critério Móvel, que tem a função de relacionar as variáveis dependentes e independentes, de modo a demonstrar se o nível de desempenho do sujeito se altera de acordo com as mudanças de critérios, no caso, já preestabelecidos.

Com intuito de facilitar a visualização da categoria estudada, confeccionou-se um gráfico que relaciona a alteração de comportamento do participante (aprendizagem da tarefa) com a consequente mudança de complexidade de uma tarefa para outra, bem como demonstrar as nuances de situações e diferenciação de ambientes no decorrer de cada tarefa.

Objetivando identificar, para posterior discussão, as variáveis intervenientes, ocorridas durante a realização de cada tarefa proposta, filmou-se cada intervenção.

Foram analisados os resultados compostos pela soma da pontuação obtida por meio das três Classes de Comportamento que compõem a Ficha de Avaliação Perceptomotora (Eixo y) e pelo número de intervenções utilizadas pelo sujeito para atingir o critério de mudança (Eixo x).

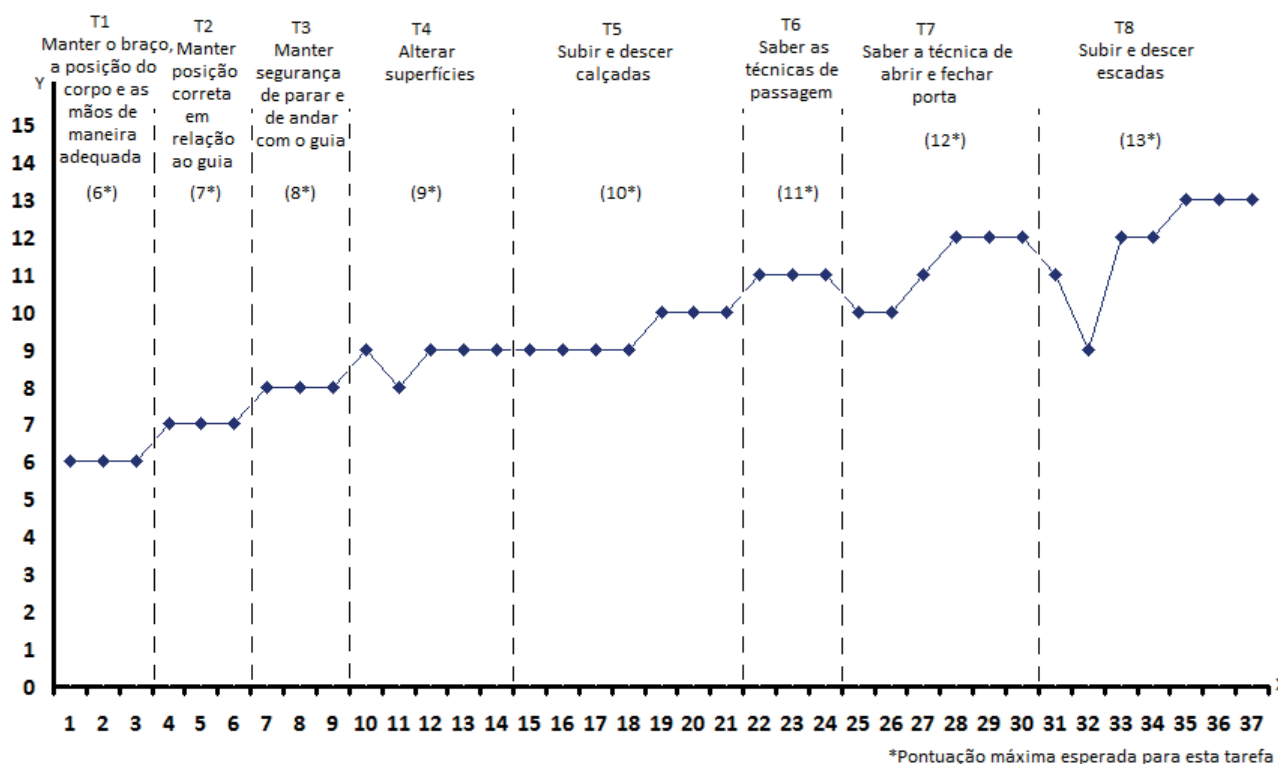


Figura 1 - Pontuação das oito tarefas do Checklist adaptado de Lieberman (2011), segundo a Categoria: Habilidades com o Guia Vidente

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Gráfico a seguir contém os valores referentes aos resultados obtidos por meio das avaliações do desempenho do sujeito durante a realização de cada tarefa, analisadas na Categoria Habilidades com o Guia Vidente.

CATEGORIA: HABILIDADES COM O GUIA VIDENTE

Nesta categoria, o participante foi submetido à realização de oito tarefas, que são específicas das técnicas de Orientação e Mobilidade. Ao ser avaliado, verificou-se que ele atingiu o escore 6 na primeira tarefa e encerrou a categoria com escore 13, na última tarefa. Após 37 intervenções, o participante conseguiu atingir o escore máximo das oito tarefas desta categoria.

Ao analisar o gráfico, nota-se que das oito tarefas as quais o *Cheklis* é composto, em quatro delas (T1, T2, T3 e T6), o participante utilizou o número mínimo de intervenções para atingir a pontuação máxima esperada. Nesse sentido, uma situação pode ser observada: o fato de o participante ter um conhecimento básico excelente de posicionamento, principalmente dos braços e do corpo, em relação ao guia, o que auxilia muito na aprendizagem de outras técnicas, uma vez que estas são as mais importantes quando relacionadas às técnicas com o guia vidente. Uma vez que o aluno esteja bem posicionado, a aprendizagens mais complexas poderão ocorrer com maior facilidade.

Tendo em vista que estas tarefas fazem parte da fase inicial da aprendizagem das técnicas com o guia vidente, pode-se observar que neste primeiro momento, o participante possuiu um nível satisfatório para que a aprendizagem de técnicas mais complexas ocorra. No entanto, elucida-se, que embora existam inúmeras pessoas cegas, por consequência das mesmas causas, em um mesmo período de tempo e com a mesma idade, estas, poderão não obter o mesmo resultado aqui demonstrado, por isso é relevante que o profissional atuante com o ensino das técnicas de Orientação e Mobilidade esteja atento para a relevância de adequação das etapas do desenvolvimento do aluno em relação ao desempenho dele, a fim de transmitir ensinamentos condizentes de acordo com a sua aprendizagem e, ainda, para que o aluno possa sempre sentir-se estimulado a aprender e a praticar as técnicas de Orientação e Mobilidade com mais independência (Santos 2004).

Diferentemente da situação acima exposta, nas tarefas T4, T5, T7 e T8, o participante precisou de mais intervenções para que pudesse alcançar a pontuação máxima esperada para cada uma destas tarefas.

Na T4, o participante teve um pequeno decréscimo na pontuação referente à tarefa anterior e precisou de cinco intervenções para atingir o escore máximo desta tarefa. Na T5, embora a participante tenha atingido o escore 9 nas quatro primeiras intervenções, ela conseguiu alcançar o critério de mudança na quinta intervenção. Nas tarefas T7 e T8, a participante usou seis e sete intervenções respectivamente, para alcançar o escore máximo destas.

Após a análise do gráfico foi possível verificar que o participante, em algumas tarefas, utilizou sete intervenções para alcançar a pontuação máxima necessária, de modo que o número de intervenções ideal para este treinamento eram três.

Para que fossem identificadas quais as nuances ocorridas durante o processo de realização destas tarefas, foi utilizada a verificação e observação dos vídeos de cada uma delas.

Após a observação da filmagem, foi possível constatar três diferentes fatores que possivelmente dificultaram a realização das tarefas propostas. O primeiro foi o fato do participante não ter obtido uma coordenação, equilíbrio e ritmo de marcha bem desenvolvidos, uma vez que, das quatro tarefas aqui citadas, em três delas o participante precisou se movimentar em ambientes irregulares com diferentes tipos de comprimento, alturas e tipos de superfícies.

O segundo fator foi a insegurança do participante em se movimentar em ambientes totalmente desconhecidos. Uma vez que a pessoa com deficiência visual se encontra em alerta a perigos, dificilmente essa insegurança ajudará em uma realização satisfatória das técnicas aprendidas. Portanto, a falta de intimidade com o ambiente pode ter sido o fator preponderante para a ocorrência do desempenho. E, por último, o terceiro fator, que ocorre devido o participante, nunca ter tido aulas de orientação e mobilidade com um profissional capacitado e qualificado para o ensino completo das técnicas. Dessa forma, tarefas que são específicas, tais como a T7 – Saber a técnica de abrir e fechar a porta, pode se tornar ainda mais difícil por conta dos vícios de execução pré estabelecidos de forma errônea por meio de uma aprendizagem informal.

Dentre as muitas áreas que podem auxiliar as pessoas com deficiência visual, a estimulação perceptomotora, pode ser considerada a mais apropriada para que o desenvolvimento de capacidades e habilidades, tanto perceptivas quanto motoras, possam ocorrer.

Munster (1998), Bruno (2007), Lieberman (2002), Mauerberg-deCastro (2004), Cuba & Provenzano (2010) e Carletto (2009) discorreram que, de modo geral a estimulação perceptomotora é responsável pelo auxílio na criação de relações com o mundo; pelo desenvolvimento mais eficiente das capacidades perceptivas e motoras; pela exploração, elaboração e organização do próprio conhecimento rumo à autonomia; pela evolução e manutenção das habilidades adaptativas de pessoas cegas em diferentes ambientes; e ainda, pela aptidão mais favorável à aprendizagem das técnicas de Orientação e Mobilidade de fato.

É por meio de atividades, tarefas, jogos, brinquedos e brincadeiras perceptomotoras, que a pessoa com deficiência visual poderá constituir, de forma mais eficaz, o mapa mental e a memória motora, auxiliando sua orientação e locomoção de forma mais autônoma e, consequentemente, minimizando déficits acarretados pela deficiência.

Dentre as principais técnicas de Orientação e Mobilidade, as técnicas com o guia vidente é considerada como a principal, uma vez que ela é responsável por facilitar e assegurar o movimento, além de ser a mais adequada para oferecer à pessoa com deficiência visual segurança e tranquilidade na locomoção, preparando-a para a independência.

Não obstante Garcia (2001) afirma que ao utilizar técnicas com o Guia Vidente, a pessoa com deficiente visual não deixa de se guiar, no entanto, de modo passivo, ela assume uma atitude de responsabilidade, por meio de instruções, para que o guiar-se se constitua em uma alternativa segura de informação e proteção.

De acordo com Machado et al. (2003) as técnicas com o guia vidente tem como objetivo funcionar como suporte mais seguro e eficiente de movimentos; proporcionar ao aluno participação ativa e independente; possibilitar a interpretação dos movimentos do guia através da percepção cinestésica; permitir a passagem do aluno

de forma segura em locais estreitos; e principalmente permitir que o aluno compense as dificuldades causadas por um mal guia.

Portanto, é imprescindível que o profissional, qualificado e capacitado, atuante neste ensino, conheça as dificuldades, potencialidades e capacidades educacionais de cada aluno, a fim de se elaborar um treinamento individualizado para o estímulo e desenvolvimento das áreas mais deficitárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização do guia vidente no processo de aprendizagem das técnicas de orientação e mobilidade é indispensável, sendo esta, a forma mais segura para uma pessoa com deficiência visual se locomover, uma vez que o sentido da visão está comprometido, o que de fato as deixam mais propensas a situações de constrangimento, perigo, acidente ou choque durante seus deslocamentos. Portanto, é por meio do uso adequado e correto das técnicas com o guia vidente, que o sujeito terá auxílio efetivo e direto na redução da probabilidade destes riscos (Hoffmann, 1998).

Este estudo traz, ainda, a importância de um programa de desenvolvimento perceptomotor a fim de estimular as pessoas com deficiência visual em sua totalidade, uma vez que é por meio desta estimulação que atrasos motores na realização das técnicas propriamente ditas, das capacidades motoras básicas para o desenvolvimento das técnicas, bem como os atrasos perceptivos que poderão ser minimizados.

Além disso, é a presença de um professor de orientação e mobilidade para ensino das técnicas propriamente ditas é essencial, pois, somente ele com todo o conhecimento específico que a programa propõe, poderá oferecer soluções mais eficazes na realização das tarefas do dia a dia da pessoa com deficiência visual.

Por fim, é escasso o material disponível que possa auxiliar na avaliação de uma boa execução ou não das técnicas de orientação e mobilidade. Não obstante, este estudo que teve como objetivo avaliar desempenho de uma pessoa cega com domínio das técnicas de Orientação e Mobilidade ao ser submetida a um treinamento específico das técnicas com guia vidente, além de ter sido alcançado, traz como diferencial um recurso avaliativo de desempenho perceptomotor na realização destas técnicas (Quadro 2). A fim de que o comportamento possa ser quantificado e analisado, fornecendo ao aluno uma aprendizagem mais completa nas áreas deficitárias.

REFERÊNCIAS

- Bruno, M. M. G. (2007). Avaliação educacional para alunos com baixa visão e múltipla deficiência na educação infantil: uma proposta de adaptação e elaboração de instrumentos. *Reunião Anual da ANPED*, 30.
- Bueno, G. A. (1992). Orientação e Mobilidade na habilitação de deficientes visuais. *Revista Faculdade de Educação*, 18 (2), 205-215.
- Carletto, M R. V. (2009). *A estimulação essencial da criança cega*. Dia a dia da Educação, Paraná - PR.
- Cuba, B. W. & Provenzano, T. (2010). Atividades perceptivo-motoras lúdicas com enfoque no condicionamento físico. *ADAPTA*, 6 (1), 26.

- Felippe, J. A. M. (2009). *Caminhando juntos: Manual das habilidades básicas de orientação e mobilidade*. Secretaria de Estado Dos Direito da Pessoa Com Deficiência São Paulo.
- Garcia, N. (2001) *Programas de Orientação e Mobilidade no processo de educação da criança portadora de cegueira*. (Tese de Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Hoffmann, S. B.(1998) *Orientação e mobilidade: um processo de alteração positiva no desenvolvimento integral da criança cega congênita – estudo intercultural entre Brasil e Portugal*. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Lieberman, L. J. (2002). *Strategies for inclusion: A handbook for physical educators*. Champaign: Human Kinetics.
- Lieberman, L. J. (2011). Assessment Orientation and Mobility. *Camp Abilities*. Disponível em: <<http://www.campabilitiesbrockport.org/>>
- Maciel, S. F. (1988). *Manual de orientação e mobilidade: Subsídios para o ensino das técnicas de locomotividade ao deficiente visual*. Belo Horizonte.
- Matos, M. A. (1990). Controle experimental e controle estatístico: A filosofia do caso único na pesquisa comportamental. *Ciência e Cultura*, 42 (8), 585-592.
- Mauerberg-DeCastro, E. et al. (2004) Orientação espacial em adultos com deficiência visual: Efeitos de um treinamento de navegação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (2), 199-210.
- Melo, H. F. R. (1991). *Deficiência visual: Lições práticas de orientação e mobilidade*. Campinas: Unicamp.
- Munster, M. A. V. (1998). *Estimulação Perceptivo-Motor em Crianças Portadoras de Deficiência Visual: Proposta de Utilização de Material Pedagógico*. (Dissertação de Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Sampaio, A. A. S.; Azevedo, F. H. B.; Cardoso, L. R. D.; Lima, C.; Pereira, M. B. R. & Andery, M. A. P. A. (2009). Uma introdução aos delineamentos experimentais de sujeito único. *Interação à Psicologia*, 12 (1), 151-164.
- Scherer, R. L.; Rodrigues, L. A. & Fernandes, L. L. (2011) Contribuição do Goalball para orientação e mobilidade sob a percepção dos atletas de goalball. *Pensar a Prática*, 14 (3).
- Troutman, A.C. (2003). Single-Subject Designs. In *Applied behavior analysis for teachers* (67-227). Columbus, Ohio: Merrill Prentice Hall.

NOTAS SOBRE OS AUTORES

LOIANE MARIA ZENGO

Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista, Unesp, campus de Presidente Prudente. lozenzo@hotmail.com

MANOEL OSMAR SEABRA JÚNIOR

Docente do Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Unesp, campus de Presidente Prudente. seabrajr.unesp@gmail.com

JAQUELINE COSTA CASTILHO MOREIRA

Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Unesp, campus de Presidente Prudente. jackycastilho@fct.unesp.br.

Recebido em 05 de setembro de 2014

Aprovado em 21 de outubro de 2014